

A AUTORA

Maria Aparecida Baccega

Professora Livre-Docente do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Coordenadora do curso de Pós-Graduação *lato sensu* Gestão de Processos Comunicacionais.

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO: A ESCOLA E O LIVRO

A televisão chega ao Brasil em 1950, por obra de Assis Chateaubriand. Desde sua implantação, tem trilhado um caminho pleno de êxitos, influenciando gerações, através de seus vários gêneros, com destaque para a ficção, sobretudo as telenovelas.

Hoje, não é possível pensar a realidade brasileira sem a televisão. Ela conforma desejos, influencia a categorização dos anseios, generaliza particularidades, compõe o tecido da cultura. Educa.

Falar de televisão deve implicar falar do contexto cultural no qual ela está inserida, ocupando-se dos aspectos dominantes da cultura, que regem tanto o enunciador (emissor) quanto o enunciatário (receptor). Um desses aspectos é a assimilação que a televisão faz dos componentes populares da cultura, assenhoreando-se deles a partir de suas linguagens, devolvendo-os sob a roupagem do sistema ao qual a TV serve. Ninguém escapa desse sistema de assimilação, caso contrário não publicizará seus pontos de vista. O que não sair na televisão não ganhará foros de “coisa pública”. É como se não tivesse acontecido.

A televisão atua na área dos valores. Ela ajuda a construir, por exemplo, uma imagem da mulher e a difunde em sua programação, partindo sempre dos ideais postos presentemente ou virtualmente pela sociedade. Assim é que só as mulheres boas se casam. Por mulheres boas entendam-se as plenas de virtudes como tolerância e submissão. As demais serão castigadas de algum modo e só alcançarão a plenitude (assim é colocado o casamento) se se redimirem através do sofrimento ou através de algum “homem bom” que lhes dê a mão. E é essa a forma que a imagem da mulher estará sendo veiculada nos mais diferentes gêneros televisivos. Afinal, a televisão desempenha o papel de buscar renovar constantemente as manifestações de conformismo, garantindo a permanência do que está e do que é.

A televisão é um aparelho doméstico, que compõe o cenário dos lares. Quando na casa existe apenas um aparelho de televisão, ele fica geralmente na sala, servindo para a congregação da família em determinados períodos do dia. Desse modo, a TV pauta o que a família vai discutir: os temas que ela escolheu para veicular. Ou então, onde há vários aparelhos de televisão, as pessoas se isolam, vendo programas muitas vezes diferentes, o que acaba por dificultar, inclusive, o diálogo familiar, levando a que pais sequer saibam que programação está sendo vista por seus filhos.

Como se vê, a televisão caracteriza-se pela sua complexidade. A mensagem televisiva é apenas um território onde se cruzam numerosas influências que vão da cultura aos gêneros. A forma da mensagem é a aparência de que se reveste em um determinado momento o produto do que foi produzido no encontro com aquele que interpreta.

TELEVISÃO E ALFABETIZAÇÃO

Podemos afirmar que as crianças chegam à escola já alfabetizadas. Não na alfabetização que implica a escritura, mas na alfabetização audiovisual. É o que Huergo chama de alfabetizações pós-modernas¹.

O autor começa lembrando o papel importante que a escritura desempenhou na organização social e política moderna, destacando dois fatos históricos distantes 200 anos um do outro: a Revolução Francesa (1789) e a queda do Muro de Berlim (1989). Em ambos, a circulação clandestina de livros proibidos desempenhou importante papel. Na Revolução Francesa eram, por exemplo, livros que, com a devida contextualização histórica, continham anedotário sobre a condessa Du Barry, amante de Luís XV, e em 1989, livros de Freud e de Kafka ou que tratavam da Escola de Frankfurt eram os que mais circulavam de porta em porta.

Também na economia de mercado, na organização jurídica e na administração do Estado a alfabetização, juntamente com a escolarização, produziram mudanças importantes. “Antes de mais nada, a escritura (como tecnologia da palavra) provoca uma reestruturação da consciência. Desse modo, a alfabetização possibilita uma mudança drástica e irreversível no *ethos*: enquanto abre novos caminhos para o conhecimento e para a cultura, fecha outros definitivamente. A alfabetização, associada à lógica escritural e à escolarização, provoca processos dos quais não se volta atrás.”²

Ocorre que a lógica da escritura foi colocada em segundo plano nas últimas décadas. Ela foi ultrapassada pela hegemonia audiovisual e isso traz conseqüências.

Como lembra Huergo³, existe uma relação entre os modos de comunicação, a estruturação da percepção e a evolução do imaginário e das ações coletivas. Mudanças no primeiro implicam mudanças no segundo e os dois juntos implicam mudanças no terceiro elemento. Podemos falar, no caso, da passagem das culturas orais para a lógica

¹ HUERGO, Jorge A. *Comunicación/Educación. Ambitos prácticos y perspectivas*. La plata, Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997.

² HUERGO, Jorge A. *Comunicación ... op. cit.* p. 82.

³ HUERGO, Jorge A. *...Comunicación.... op. cit.* p. 83.

da escritura e, por fim, à hegemonia audiovisual, embora tenhamos a convivência de todos esses tempos e destempos em termos de Brasil e de América Latina. Assim podemos assistir à passagem das culturas orais para a hegemonia audiovisual, sem que se passe pela escritura. Aí temos o que se pode chamar de *oralidade secundária*, mais ligada aos meios de comunicação, sobretudo à televisão, que aos livros.

A alfabetização que as crianças trazem para a escola é essa: oralidade secundária, resultado da comunicação generalizada, da sociedade dos meios de comunicação. Nessa contemporaneidade, não se pode falar de uma história unitária. Trata-se, agora, de uma sociedade que “não é mais transparente (mais consciente de si mesma), e sim mais complexa, opaca e caótica; os meios dissolveram os pontos de vista centrais, os grandes relatos e contribuíram para a explosão e multiplicação de diferentes visões de mundo”⁴. Os meios construíram, portanto, uma *alfabetização múltipla*. Eles elaboram novas formas de conhecimento, que não pode ser recortada, organizada e controlada pela escola. “*Múltiplos e diferentes* modos de comunicação que por sua vez suscitam *múltiplas e diferentes* estruturas da percepção, e esta co-evolução produz *múltiplos e diferentes* imaginários, crenças, expectativas e ações mais ou menos coletivas. O marco/produto desses processos é o que poderíamos denominar tecnocultura.”⁵

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO

Assim, a televisão introduziu-se como fonte de educação que não pode ser ignorada.

Ainda que as escolas continuem a considerar educação apenas aquilo que resulta de um processo ensino-aprendizagem baseado na lógica da escritura, em que os alunos devem apreender aquilo que lhe é ditado pelos conteúdos programáticos, no mais das vezes ultrapassados, e devolver em provas ou outras atividades equivalentes, a cultura está impregnada desse novo jeito de pensar, de construir o imaginário. Educação, portanto, não é instrução.

Não se pode negar a importância que a escola sempre teve historicamente. Com grande parcela de responsabilidade pela democratização do saber, sua fórmula foi exitosa durante séculos. Muitas vezes considerada apenas como fase de transição para o mercado de trabalho, ela cumpriu adequadamente seu papel. Hoje, se vê premiada pelas novas condições culturais, tornando-se, muitas vezes, prioritariamente, um equipamento que serve ao controle social e político, acabando por colaborar com a exclusão.

Paralelamente à escola, e com poder de fogo maior no que se refere a influências culturais, está a televisão, a qual trabalha com signos que clamam por seus significados nos próprios significantes. Ou seja, é como se os signos que compõem a TV não necessitassem de referentes, e atingissem diretamente os sentidos, as emoções, diferentemente do que acontece com os signos da linguagem verbal, com a leitura-escrita, com os livros, nos quais se baseia a escola.

⁴ HUERGO, Jorge A. *Comunicación.... op. cit.* p. 83.

⁵ HUERGO, Jorge A. *Comunicación.... op. cit.* p. 84.

“Interatuar com uma fonte educativa que interpela os sujeitos-audiência essencialmente através dos sentidos e das emoções, é uma mudança paradigmática importante nas teorias e entendimentos educativos e, particularmente, nas concepções e compreensões da aprendizagem contemporânea. Estas, tradicionalmente, se basearam em e referiram-se à linguagem escrita, e mantiveram o livro como seu principal meio de transmissão-apropriação.”⁶

Este é um dos grandes desafios da escola. Para tanto, necessário se faz deixar de compreender a educação como instrução, a aprendizagem como produto apenas do ensino, educandos apenas como alunos, conhecimento como saberes fragmentados. É preciso incorporar-se ao ecossistema comunicativo, no qual a televisão exerce importante papel.

É preciso deixar de encarar a televisão como inimiga, como suspeita, pelo fato de ela ser divertida – o que é divertido também pode educar; deixar de usar a televisão, o vídeo como meros “ilustradores” das aulas baseadas em linguagem escrita. Como vimos, a televisão traz outra linguagem, na qual o aluno está alfabetizado e que a escola precisa saber usar para obter êxito em seus objetivos. Usar a televisão, portanto, não como “substituta” do professor (que ela nunca será), nem como equipamento “modernizador” que tem como base os mesmos conteúdos ultrapassados ainda veiculados pela escola.

TELEVISÃO, ESCOLA E LIVRO

A televisão reconstrói os conceitos de tempo e espaço. Tudo o que acontece, e foi escolhido para ser noticiado por ela, apresenta-se como parte de um presente contínuo, como se não existissem o ontem e o amanhã. O que foi visto no noticiário de ontem poderá ser visto novamente hoje, não como repetição mas como permanência no tempo. Na hora que quiser, tudo pode passar na televisão: o que aconteceu antes, ou muito antes, como a Revolução Francesa, por exemplo, é mostrado como se estivesse ocorrendo naquele momento, com um grande grau de verossimilhança.

O que se aprende na televisão tem sido cada vez mais importante, para crianças e jovens, do que aquilo que se aprende na escola, uma vez que as fontes de aprendizagem se multiplicam cada vez mais na televisão e mantêm-se restritas no âmbito da escola. “Outra faceta dessa deslocação se manifesta nas fontes legitimadoras das aprendizagens. Antes, o livro tinha a ‘última palavra’ nos combates do professor em sala de aula. Agora, a última imagem está na tela e a última palavra a têm os sujeitos-audiência e seus olhos: ‘se vejo na televisão, eu creio, é verídico, se não o vejo, posso duvidar e desconfiar’. A visão, então, converte-se em legitimadora daquilo que passa por ela, sem importar se é verídico, valioso, inteligível, estruturado ou simplesmente banal, falso, manipulador ou enfiado enquanto produto necessariamente de representações.

⁶ OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *Televisión, audiencias y educación*. In: **Televisión**. México: Grupo Editorial Norma, 2001.p. 66.

A partir da implantação da televisão, os sujeitos educandos questionam o professor, questionam seus saberes enciclopédicos esvaziados de significado, frente à proliferação da significação representacional e multicolorida do televisivo.”⁷

Isso porque, com a televisão, a divisão sempre existente entre o mundo dos adultos e o mundo dos jovens e crianças deixa de existir. Assim, um livro para adultos dificilmente podia ser lido por uma criança: não apenas porque era “proibido” e escondia-se da criança (e ela chegava a ser penalizada se o lesse), como porque o vocabulário para adultos difere do vocabulário dos livros infantis ou infanto-juvenis. Já com a imagem da televisão isso não ocorre: a criança vê as mesmas imagens que o adulto, ainda que lhes dê outras interpretações. A mística que envolve os adultos desaparece: hoje eles são vistos como seres que podem ser agressivos, algumas vezes injustos, outras vezes bebem e nem sempre se pautam pela ética do discurso que adotam.

E a escola continua a utilizar-se do livro, apenas. Como se todo o conhecimento emergisse dele e fora dele não houvesse salvação. Todas as etapas de aprendizagem têm como parâmetro a leitura da linguagem escrita, e o saber livresco, repetido pelo aluno, é que garantirá seja ele considerado um vitorioso ou um lento na aprendizagem.

Ocorre que a leitura, quanto menos controlada por uma instituição (no caso a escola) mais criativa poderá ser. Se ao aluno compete exclusivamente “repetir” a interpretação do professor, pouco de suas experiências, de sua cultura poderá estar no laço seguinte do processo de conhecimento. Como sabemos, não há 100% de reprodução, mas ela poderá ter uma extensão que dificulte a agilidade da construção do novo.

Com a imagem as coisas se passam diferentemente. A leitura da imagem é mais livre, o poder de absolutizar o entendimento fica restringido. Por isso, o medo que a escola tem da imagem e, portanto, da televisão, que se utiliza de uma linguagem que sincretiza o verbal e o não-verbal. Ao usar a imagem, a escola procura dificultar a polissemia, que é de sua natureza, utilizando-a como mera ilustração do escrito ou colocando-lhe legendas que conduzam a interpretação.

A escola precisa aprender a trabalhar as novas sensibilidades dos alunos, criados num ecossistema comunicativo que não se restringe à utilização de imagens ilustrativas ou da televisão e do vídeo como complementos. Caso contrário, vão ficando cada vez mais distantes a experiência cultural de que falam os professores daquela que trazem os alunos, na qual eles se banham e da qual aprendem. E os discursos caem no vazio.

Na verdade, trata-se de outra maneira de ver e de ler, de sentir e apropriar-se do mundo, com relação à qual a escola não pode se omitir. “Pela maneira como se apega ao livro, a escola desconhece tudo o que de cultura se produz e circula pelo mundo da imagem e das oralidades: dois mundos que vivem, justamente, da hibridação e da mestiçagem, do revolvimento de memórias territoriais com imaginários des-localizados.”⁸

A linguagem escrita, o livro, continuará a ser “a chave da *primeira alfabetização formal* que, em vez de fechar-se sobre si mesma, deve hoje pôr as bases para essa

⁷ OROZCO GÓMEZ, G. *Televisión... op. cit.* p. 79-80.

⁸ MARTÍN-BARBERO, Jesús, REY, J. G. *Os exercícios de ver*. São Paulo: Senac, 2001. p. 61.

segunda alfabetização que nos abre às múltiplas escrituras, hoje conformando o mundo do audiovisual e da informática”.⁹

Sem o domínio da linguagem escrita, não adentramos adequadamente o mundo do não-verbal; apenas com a linguagem escrita, o conhecimento do e a participação no mundo ficam limitadas.

É o que este número da revista procura enfatizar, falando de televisão, de fotografia, de imagem de maneira geral.

ARTIGOS NACIONAIS

Colaborar com a construção do campo comunicação/educação tem sido o objetivo desta revista desde sua fundação. Assim é que a colaboração de Solange Puntel Mostafa, com o artigo *Citações epistemológicas no campo da educomunicação* é muito bem vinda.

No artigo, a autora faz um levantamento da bibliografia, nacional e internacional, que tem sido usada nos artigos da revista, no período 94-2001, para a configuração do campo, possibilitando, desse modo, que se tenha uma clareza maior sobre os rumos dessa construção no Brasil.

“Embora a função precípua da televisão comercial não seja a educação, não se faz necessário recorrer a uma pesquisa para constatar junto a telespectadores de diferentes classes sociais e com variadas experiências culturais o que eles aprenderam com a televisão.” Eis aí uma das premissas do artigo *TV como instância de letramento*, de Denise Lino de Araújo, que trata das relações da televisão com o conhecimento.

A imagem no campo da fotografia é o objeto do artigo de Boris Kossoy, *Criatividade e tecnologia no mundo da representação*. O artigo discute como a imagem fotográfica é uma representação do real a partir do ponto de vista ideológico de seu autor e, ao mesmo tempo, um documento histórico.

ARTIGO INTERNACIONAL

Status da pesquisa sobre crianças e televisão, de Wiliam E. Biernatzki e Norma Pecora, é o artigo internacional deste número. A partir de um rigoroso levantamento bibliográfico, vamos tomando conhecimento do estado da pesquisa sobre criança e televisão em vários países, sobretudo os de língua inglesa. As pesquisas tratam de vários aspectos, com grande destaque para a questão violência-televisão. Segundo os autores, “enquanto crianças de países divididos pela guerra confrontarem as imagens do mundo real e as televisadas, crianças nos Estados Unidos levantarem armas contra seus colegas e crianças em todos os lugares encontrarem imagens mediadas pela violência, continuará sendo um ponto focal debater crianças e violência na televisão”

Este artigo, oportuno, compõe-se com *Citações epistemológicas no campo da educomunicação*, colaborando para que possamos verificar os caminhos da construção do campo comunicação/educação.

⁹ MARTÍN-BARBERO, Jesús, REY, J. G. *Os exercícios... op. cit.* p. 62

DEPOIMENTO

O cineasta e escritor Renato Tapajós nos brinda com seu depoimento. Aqui também a questão da imagem, agora no documentário, é debatida. Mais que isso, o autor, em *Ofício de documentarista ou olho da câmera não mente*, nos fala da ética que deve presidir o trabalho deste profissional. E alerta: “o olho da câmera não mente. Mas o cineasta pode mentir. (...). A ética do documentarista e sua capacidade de resistir às pressões são as únicas garantias para a manutenção da verdade da câmera, do discurso da realidade”.

ENTREVISTA

Roseli Fígaro entrevista o cineasta e homem da palavra Ruy Guerra, que já produziu tão grande contribuição para a cultura. Em *Cineasta da palavra*, Ruy Guerra nos fala de sua vasta filmografia, de seus trabalhos no campo da palavra, contextualizando-os.

CRÍTICA

Nesta seção, duas contribuições: a de Esther Hamburger e a de Benita Prieto. A primeira trata dos *reality shows*, o gênero que está no auge em todo o mundo. *Formatos da intimidade* trata desta tendência nos diferentes países, abrindo discussão sobre suas relações com a “sociedade em rede”. Em *Campanha Amigos da Escola: tudo pelo computador*, a autora chama a atenção para a peça publicitária que leva à interpretação de que nos computadores poderia existir uma biblioteca à disposição dos usuários, o que não corresponde à realidade.

EXPERIÊNCIA

Jussara de Lara Sanches Martins, professora de ensino fundamental de Botucatu, relata-nos sua experiência em sala de aula com alunos de terceira série num trabalho com bulas de remédios. *Leitura e compreensão da bula de remédio* foi uma experiência plena de êxitos e merece ser conhecida.

POESIA

O eterno Oswald de Andrade é o poeta deste número. Um dos nomes mais importantes do Semana de Arte Moderna de 22, deixou uma obra extensa e de qualidade.

SERVIÇOS

Marco Antônio Guerra colabora neste número, brindando-nos com *Bairro da Luz: passeio pela arte brasileira*. Com texto agradável, ele vai construindo o roteiro de uma visita ao conjunto das artes no centro de São Paulo.

Pesquisa e memória da arte em São Paulo, de Maria Elisa Vercesi de Albuquerque, coloca à nossa disposição, com comentários, o acervo que se encontra na Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo/IDART.

VIDEOGRAFIA

Mais uma vez, esta importante seção conta com a colaboração de Maria Ignês Carlos Magno. Em *Espaço para reflexão*, a autora seleciona quatro filmes em vídeo e vai traçando um percurso de sugestões que nos permitem discutir não só as questões relacionadas à escola e ao professor, como também à intolerância (tão presente nos dias que correm), à marginalização, entre outros temas.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Leitura de várias linguagens, pesquisa, reflexão estão presentes em *Bibliografia sobre comunicação e educação*, *Bibliografia sobre telenovela brasileira* e *Endereços úteis na internet*.

ATIVIDADES COM COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO Nº 24

Ruth Ribas Itacarambi apresenta duas importantes sugestões de atividades com os artigos deste número da revista. Tais atividades, a serem desenvolvidas com alunos em sala de aula, trarão, certamente, resultados que interessam aos demais educadores. Escreva-nos contando suas experiências.

Resumo: O artigo trata das linguagens audiovisuais, principalmente da televisão, no espaço da escola. Faz uma rápida introdução sobre a chegada da TV no Brasil e sua presença no dia-a-dia da população. Chama atenção dos educadores para que enfrentem o desafio do conhecimento e do ensino através da incorporação da linguagem do audiovisual, pois o livro e a linguagem escrita não abarcam, na atualidade, a dinâmica de todas as formas de conhecimento que circulam na sociedade. A televisão pode ser incluída como fonte de educação, pois a escola precisa aprender a trabalhar as novas sensibilidades dos alunos. No entanto, a escrita e o livro sempre serão a chave da primeira alfabetização, pois sem o domínio da linguagem escrita não se lê adequadamente o mundo do não-verbal.

Palavras-chave: televisão, audiovisual, livro, escrita, escola

(Television and Education: the school and book) Abstract: The article deals with the usage of audiovisual languages, most especially those seen on television, in the school. It makes a quick introduction on the arrival of TV in Brazil and about its day-to-day presence among the population. It calls the educator's attention to confront the challenge of knowledge and of teaching by incorporating the audiovisual language, since books and the written language do not currently embrace the dynamics of all forms of knowledge that circulate in society. Television can be included as a source of education, since the school needs to learn how to work with the new student sensibilities. However, writing and books will always be the key for the first steps in literacy, since without dominating the written language it is not possible to read non-verbal language adequately.

Key words: television, audiovisual, book, writing, school